

Considerações finais

Juliano Alves Dias

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DIAS, JA. *Sacrificium Laudis: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009)* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 132 p. ISBN 978-85-7983-124-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as particularidades da questão litúrgica e certa escassez de bibliografia específica, buscou-se ir direto às fontes. A análise documental e das ações pontificias amalgamam-se na sustentação deste livro, que propôs três vértices: o histórico da litúrgica latina, com particular ênfase nos concílios de Trento e do Vaticano II; a questão do sentido da missa nas duas formas rituais, com destaque para as peculiaridades destacadas pelo cardeal Alfredo Ottaviani; e, por fim, a atuação recente de João Paulo II e Bento XVI, que agiram frente à situação gerada no recorte temporal estabelecido (1969-2009).

Cabe ao historiador compreender. Mesmo com algo recente na história e envolto no tempo presente, como o pontificado de Bento XVI, é necessário um retorno às fontes históricas, aos documentos eclesiásticos que configuram o fluir da Igreja Católica Apostólica Romana ao longo do tempo. Nesses termos, o historiador é aquele que, pela análise desses documentos, pode facilitar o acesso a certas configurações. Mesmo que aqui muitas vezes se interpelem questões teológicas, elas são todas compreendidas a partir de dados históricos.

Diante disso, os resultados obtidos permitem certas considerações, a começar pelo conceito de missa, entendido desde o cristianismo primitivo como ação de graças (Eucaristia) de caráter sacrificial

configurada, ao longo de um processo histórico, em uma forma clara de oferecimento da Vítima Eterna, segundo as citações da patrística embasadas na tradição e nas Escrituras. A missa assumiu, pois, também, um sentido educativo e doutrinário na medida em que faz reviver as verdades católicas. Nesse âmbito, a questão que foi colocada é a do perigo que uma mudança em seu texto pode causar para a crença do fiel.

Tais temores procedem, tanto que as ações recentes dos pontífices têm sido no sentido de um restabelecimento de conceitos esquecidos nos últimos quarenta anos. O Concílio de Trento havia sido uma resposta dura às ideias protestantes que descaracterizaram a celebração sacrificial da missa, por meio do qual rito romano foi imposto como arma combativa a tais ideias. Quatrocentos anos depois, o Vaticano II quis dialogar e não condenar, e a aproximação com o protestantismo parece ter influenciado a nova forma litúrgica, com o sacerdote voltado para a assembleia, destacando o caráter de banquete da missa, quase obliterando o sentido sacrificial.

É nesse ínterim que se buscou analisar as duas formas rituais em suas particularidades à guia da carta de Ottaviani, que já previa os problemas teológicos e doutrinários da nova missa. A ação simbólica da missa de Paulo VI, suas palavras, abriu caminho para uma distinta interpretação. A lei da oração moldou a lei da fé e um processo de conturbados movimentos estremeceu a Igreja, a ponto de Paulo VI declarar que por uma brecha aberta a fumaça de Satanás penetrara na casa de Deus. Essas palavras explicadas recentemente pelo cardeal Virgílio Noé como uma inquietação daquele papa por ver os efeitos de interpretações distorcidas da reforma por ele empreendida, reforma que culminou em um cisma com monsenhor Lefebvre e seus seguidores que, em nome de uma escusa de consciência, desobedeceram a Roma e ordenaram novos bispos dentro dos moldes pré-conciliares para manter viva a tradição. As ações de Lefebvre, embora tenham lhe gerado a excomunhão, parecem ter sortido efeito nos tempos mais recentes, quando um grande número de pessoas descontentes com os resultados da reforma litúrgica voltou-se para a ala mais tradicionalista da Igreja – tanto que Roma tem criado ins-

titutos de vida consagrada especiais para estes permanecerem com sua liturgia tradicional, mas em comunhão com a Igreja, como é o caso do Instituto Bom Pastor, que ganhou a incumbência de fazer a crítica interpretativa do Vaticano II.

Ao se estudar as duas formas rituais foram clarificadas suas diferenças simbólicas. Na medida em que ocorreu uma ênfase em certos signos de um determinado contexto em detrimento de outros, percebeu-se a criação de posturas distintas. Frente a isso, este livro voltou-se para as recentes ações romanas com João Paulo II, Ratzinger, enquanto cardeal e como papa.

Observou-se que um movimento de retorno ao sentido sacrificial da missa teve início nos últimos anos do pontificado do Papa Wojtyła, com a promulgação de documentos e de um ano dedicado à reflexão eucarística, nos quais fez ressaltar que o sentido primeiro da missa é o de sacrifício, embora, como citado, o mais visível hoje seja o de ceia, de banquete.

João Paulo II não viu terminar sua iniciativa, nem muito menos os efeitos diretos da mesma, mas o cardeal Ratzinger, seu braço direito, já havia se posicionado reaciosamente quanto aos efeitos da nova missa, e sempre viu o rito tridentino com olhos benevolentes. Suas ações como Papa Bento XVI levaram à concretização do que Ratzinger, pouco tempo após ser eleito para a Sé de Pedro, chamou de hermenêutica da continuidade, o que fundamentou a promulgação do *Motu Proprio Summorum Pontificum* dando plena liberdade à missa tridentina e sua busca de restauração da tradição.

A ideia de que as duas formas rituais devem contribuir para um enriquecimento mútuo pode parecer ser o principal objetivo de Bento XVI, embora o que se nota com destaque é um retorno à tradição, fato evidenciado em suas celebrações litúrgicas, com vestes que pertenciam a papas anteriores à reforma pós-conciliar, com missas rezadas em um altar fixo, voltado para um crucifixo e não para o povo, ainda que no rito paulino, ou com seu novo mestre de cerimônias, monsenhor Guido Marini, que sempre ornamenta o altar como no rito tridentino, apenas com uma vela mais atrás do crucifixo. A troca de seu báculo pastoral (anteriormente usado por Paulo VI, João Paulo

I e João Paulo II) pelo de Pio IX, papa antimodernista e ultramontano, evidencia fortes sinais do posicionamento litúrgico e eclesial deste papa. A própria escolha de seu nome, Bento, quebrou o costume dos nomes papais ligados ao Vaticano II: João (XXIII) e Paulo (VI).

O movimento litúrgico de Bento XVI expressa a tentativa da criação de uma nova mentalidade católica: nova, mas baseada na continuidade com a tradição anterior ao Concílio, e não em uma ideia de ruptura como muitos entenderam ter sido o Vaticano II. Sua preocupação é “recatequizar” grande parte do clero e dos fiéis católicos que perderam sua identidade e a consciência de sua história. O Ano Sacerdotal e São João Maria Vianney como modelo de padre são propostos como mais uma peça no processo gradual seguido pelo papa Ratzinger.

Os trâmites na cúria, feitos pelo papa, e suas nomeações reforçam suas atitudes. Ao nomear bispos de sua linha de pensamento para postos chaves na burocracia eclesiástica o pontífice alicerça suas posições de forma institucional. Sua ação litúrgica não se restringe a um modelo indiretamente indicado a todo o clero; o apoio dado pelos membros curiais reforça sua postura. Quando esses novos membros das altas estâncias da Igreja repetem as ações papais e as legitimam por entrevistas e discursos, reforça-se a postura de Bento XVI.

Diante de tal perspectiva, por meio do caminho traçado nesta pesquisa, uma historiografia das palavras do ritual cristão-católico, descobriu-se uma crise de identidade e uma tentativa de restaurá-la. O Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado por João XXIII (1958-1963) e concluído por Paulo VI, apresenta-se como uma busca da Igreja Católica de se apresentar ao mundo moderno, onde a religião era questionada diante do desenvolvimento científico e do crescente antropocentrismo. O Vaticano II, para tanto, propôs mudanças no seio do catolicismo. Essas reorientações, no pós-Concílio, sobretudo no aspecto litúrgico, geraram uma interrupção com o período ultramontano da história eclesiástica e crises que ecoam até o momento hodierno.

O atual pontífice deu sequência a um processo de restauração iniciado por João Paulo II, por meio do retorno de aspectos visíveis

da tradição da Igreja e com algumas características do ultramontanismo. Nesse sentido, a liturgia foi a via escolhida para aquilo que Bento XVI chamou de hermenêutica da continuidade. O papa propôs uma visão do Concílio Vaticano II em uma perspectiva de continuidade histórica. No entanto, negar o concílio como ruptura parece deixá-la mais evidente, pois busca-se retificar as fissuras com elementos que foram esquecidos no pós-Vaticano II.

Enfim, para combater a ideia de que o II Concílio do Vaticano foi uma cisão com o passado eclesial e tentar solucionar as crises decorrentes do período posterior ao mesmo, o papa interpreta o concílio em uma ótica de continuidade com a história da Igreja. Para tanto, usa da litúrgica, centro da vida do fiel católico, enriquecida de adornos anteriores ao Vaticano II como um meio de restauração do catolicismo tradicional.

A ação que o papa Ratzinger delinea pode ser vinculada a uma concepção do papel do pesquisador de história. O historiador não deve fazer do passado uma quimera mitológica a ser ressuscitada, mas a ausência de uma memória histórica conduz o homem à ignorância e deturpação das potencialidades que nela existem. Uma ruptura brusca com o passado constitui, antes de tudo, uma perda de identidade; calar os mortos é perder a riqueza de sua produção cultural. Bento XVI, enquanto teólogo, exerce também a função de historiador, interpreta a Igreja inserida no tempo histórico, o que permite à instituição recuperar sua identidade.

Manter viva a cultura histórica da liturgia católica, sem adulações e inovações desconexas que atendem apenas a um momento restrito de sentimentos e causa o desvio da fé de seu caminho racional, constitui a proposta de Bento XVI. Uma formação sólida e contínua sobre a história da liturgia é um caminho lícito para a manutenção da identidade católica; uma consolidação cultural pode ter peso maior que ideais revolucionários.

É notável como a ruptura dos conceitos básicos da fé católica tende a criar outra Igreja; já a permanência inalterada de todo o edifício construído perderia o próprio contexto histórico da propagação da fé. Permanência e adaptação sem perder o conteúdo da mensagem

original foi o caminho seguido pela Igreja até os anos 1960 – o que ali se processou desvinculou-se dessa proposta. Inverteu-se o que fez Paulo de Tarso, no discurso no Areópago, referindo-se ao altar ao Deus desconhecido dos gregos (cf. At 17, 22). No pós-Vaticano II, não se apropriou da realidade alheia para demonstrar a sua, mas antes, deturpou-se a sua para aproximar-se da de outrem.

Quando são lembradas as questões em meio a este levantamento histórico (O novo rito é um perigo para fé católica? Há nele modernismo ou tendências protestantes? Suas inovações romperam com uma tradição cristã de cerca de dois mil anos? Quais propósitos e mensagens o atual pontífice busca transmitir nas liturgias por ele presididas?) constata-se que há de fato certo perigo para a fé católica na nova forma ritual de Paulo VI. Em sua aparência há proximidade com visão protestante de culto, suas rubricas não são respeitadas e o modernismo se faz presente; a ruptura com a visão de Igreja é clara, a tradição enfraquecera-se. Bento XVI busca, então, restaurá-la negando a visão de cisão.

Uma interrupção da tradição eclesiástica existiu, tanto no imaginário quanto na realidade dele decorrente. O papa tenta, então, dar um nó em uma linha que é marcada por rugosidades. Na crise presente, o passado ressurge para uma perspectiva de futuro.

Frente a tais considerações, mesmo diante das imperfeições e deficiências dessas linhas, espera-se que este livro tenha contribuído para trazer tal perspectiva e discussões para o ambiente acadêmico do historiador e do cientista social, pois, no campo teológico, rios de tinta jorraram e correm abundantemente para os mais diversos caminhos, enquanto a dinâmica discreta da Igreja se faz notar nos detalhes. Cabe, então, ao historiador analisar e compreender o percurso.